



EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FORMAL: MÚSICA E POESIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

LA EDUCACIÓN SEXUAL EN EL APRENDIZAJE FORMAL: MÚSICA Y POESÍA EN LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA

SEXUAL EDUCATION IN FORMAL LEARNING: MUSIC AND POETRY IN PEDAGOGICAL PRACTICE

Marcelle Andrieta Damasceno¹

Roseantony Bouhid²

RESUMO

Este trabalho de revisão integrativa busca abordar as dificuldades e limitações da educação sexual no ensino formal e defende a importância social de uma educação livre de preconceitos e padrões, em que as diferenças são valorizadas e questionamentos são promovidos, visando indicar aos professores uma alternativa para integrar a educação sexual no ensino formal de maneira interdisciplinar, utilizando-se como recursos a música “Respeita as mina” (Kell Smith) e o “Poema sobre gêneros” (Bráulio Bessa), a fim de facilitar aos professores a discussão de temas que envolvem a sexualidade e de trazer duas opções de abordagem temática. Muito mais que prevenção à gravidez e infecções sexualmente transmissíveis, este trabalho propõe uma educação sexual que aborde temas como machismo, diversidade sexual, homofobia e assédio sexual e garanta espaço a esses objetos de estudo, contribuindo para reflexões e para a formação cidadã do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: educação sexual. ensino formal. interdisciplinaridade.

¹Pós-graduanda em Ensino de Ciências- Ênfase em Biologia e Química, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro- IFRJ.

² Professora Titular do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutorado em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

RESUMEN

Este trabajo de revisión integradora busca abordar las dificultades y limitaciones de la educación sexual en la educación formal y defiende la importancia social de una educación libre de prejuicios y estándares, en la que se valoren las diferencias y se promuevan interrogantes. Con el fin de indicar a los docentes una alternativa para integrar la educación sexual en la educación formal de manera interdisciplinaria, utilizando como recursos la música “Respect the Mines” (Kell Smith) y el “Poema sobre géneros”. ”(Bráulio Bessa), con el fin de facilitar que los docentes discutan temas relacionados con la sexualidad y traer dos opciones de abordaje temático. Mucho más que prevenir el embarazo y las infecciones de transmisión sexual, este trabajo propone una educación sexual que aborde temas como el machismo, la diversidad sexual, la homofobia y el acoso sexual y garantice el espacio para estos objetos de estudio, contribuyendo a las reflexiones y a la formación ciudadana del estudiante.

PALABRAS-CLAVE: educación sexual. educación formal. interdisciplinaria.

ABSTRACT

This paper talk about the difficulties and limitations of sex education in formal education and advocate the social importance of teaching sex education free from prejudice and pattern, where differences are valued and questions are promoted, for the purpose of indicating an alternative to teachers to integrate sex education in formal education in an interdisciplinary way, where the song “Respeita as mina” (Kell Smith) and the “Poema sobre gêneros” (Bráulio Bessa) are used in order to make the discussion of themes involving sexuality attractive to young people and to offer teachers two thematic approach options. More than preventing pregnancy and STDs, in this work we seek an approach to sex education teaching where themes like as machismo, sexual diversity, homophobia and sexual harassment have space as objects of study, contributing to the student's reflection and citizen education.

KEYWORDS: sex education; formal education; interdisciplinarity.

* * *

Introdução

Educação sexual é, ainda hoje, um tema tabu em nossa sociedade (BERALDO, 2003). Permanece sendo alvo do controle e da vigilância, com as mais diversas formas de regulação, sendo normatizada por crescentes instâncias e instituições (LOURO, 2008).

No Brasil, a educação sexual foi implementada no final da década de 1920, com concepção higienista, e repressora da sexualidade, baseada nos valores morais e religiosos, que se mantiveram até a década de 1950. O movimento feminista das décadas de 1960 e 1970 e o crescimento dos índices de HIV na década de 1980 influenciaram os projetos de reformulação da educação sexual, que passaram a se voltar para uma proposta preventiva, em que se abordavam métodos contraceptivos e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis -ISTs - (NARDI e QUARTIERO, 2012).

De acordo com Gesser et al (2015), a sexualidade é entendida como um fenômeno complexo, que incorpora aspectos históricos, culturais, políticos e biológicos que constituem a experiência das pessoas no meio social. Não se nega a materialidade do corpo, entretanto,

destaca-se o quanto ela é produzida por relações de poder que definem os corpos que importam na área social e na política.

Aquino e Martelli (2012, p.12) compreendem a educação sexual como retratado abaixo:

“um conjunto de manifestações expressas nas maneiras de sentir e de viver o corpo e seus prazeres. Falar de sexualidade é, ao mesmo tempo, falar do individual e do social, do biológico e do cultural, do racional e do emocional”.

Os autores ressaltam a transversalidade da sexualidade com relação a características que constituem a subjetividade de um indivíduo, como gênero, orientação sexual, etnia, religião, geração e classe social.

A UNESCO (2013, p. 53) define educação sexual como “toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade” Confirmando que a educação sexual se faz presente nos mais distintos espaços sociais, o que reforça a necessidade de um espaço onde os jovens possam obter informações de qualidade.

Bourdieu (2007) e Araújo, Augusto e Ribeiro (2009) nos indicam que a educação sexual informal que recebemos no meio familiar é influenciada pelas convenções sociais, induzindo, na maioria das vezes, a uma educação heteronormativa, castradora e patológica, onde “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”, e qualquer desvio do comportamento padrão deve ser repreendido ou castigado.

Figueiró (2007, p. 28) ressalta o dever da escola acerca da educação sexual, afirmando que “é, ainda assim, função da escola sempre educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do escolar, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva”. Essa atribuição nos indica que, no ambiente escolar, o educando deve ter o direito de pensar criticamente e de questionar os valores e normas morais sociais pré-estabelecidas.

Diante do papel da escola na formação da sociedade, nos questionamos sobre quais são as principais dificuldades e limitações que professores encontram para abordar no ensino formal uma educação sexual menos normativa e castradora e mais próxima da linguagem e dos questionamentos dos estudantes. Buscamos nesse artigo apresentar

práticas pedagógicas para o desenvolvimento do tema educação sexual, de forma interdisciplinar, e que insira o estudante como agente ativo no seu processo de construção do conhecimento. Tivemos como premissa o potencial da arte como mediadora no processo ensino-aprendizagem.

Educação sexual na escola

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1996, a educação sexual passa a ter uma perspectiva de cidadania, devendo promover a autonomia, levando em consideração os direitos sexuais dos adolescentes (Brasil, 1997), contribuindo para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade. Vale ressaltar que no PCN é usado o termo “orientação sexual” com o sentido de “educação sexual”. O documento também prevê que a educação sexual seja trabalhada de maneira integrada e interdisciplinar, devendo ter espaço de abordagem em todas as disciplinas, já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) coloca a educação sexual como tema a ser abordado somente nos anos finais do ensino fundamental (Brasil, 2018)

Furlanetto (2018), em sua pesquisa de revisão de literatura sobre características e abordagem da educação sexual em escolas brasileiras, constatou que as ações revisadas não atendem às orientações dos PCNs no que diz respeito à transversalização do tema, reforçando a necessidade de investir em debates.

Nas últimas décadas, com o surgimento do movimento “Escola sem Partido”, surgiram projetos de lei que visam impedir “doutrinação” política e ideológica e, para isso, solicitam que sejam excluídos termos como orientação sexual e gênero do Plano Nacional de Educação (PNE) e da Base Nacional Curricular (BNCC). Sendo então retirados do texto do PNE (Plano Nacional de Educação) 2014-2024 e da BNCC (2017). O Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) repudiou essas ações através da resolução n. 7/2017, da Lei n. 13.005/2014 (FURLANETO et al, 2018).

A educação sexual (quando ocorre) geralmente é desenvolvida no 8º ano, nas aulas de Ciências. Conteúdos a ela relacionados estão inseridos nos livros didáticos, no capítulo que trata dos sistemas do corpo humano, em que a abordagem da função reprodutora é priorizada. Essa abordagem pode levar a um conhecimento superficial, já que desconsidera a dimensão social, cultural, histórica e política e, portanto, não contribui para a formação da cidadania do aluno (FIGUEIRÓ, 2009).

A escola, além de ter um papel social de promoção da cidadania, é um lugar privilegiado para a valorização da diversidade, o que inclui a expressão da sexualidade (GESSER et al. 2016)

Na educação formal, a abordagem de conteúdos relativos à educação sexual é, segundo Figueiró (2006), superficial e ineficiente. Essa conclusão indica que pode haver despreparo por parte dos professores, por não terem recebido capacitação, durante sua formação, para lidarem com as diferentes demandas relacionadas à sexualidade, o que justifica a reprodução de ideias baseadas em concepções religiosas, higienistas e heteronormativas (GESSER et al. 2015).

As dificuldades enfrentadas pelos professores, ao tratarem de educação sexual, devem-se à necessidade de tocar em temas que ainda são considerados tabus, tais como as polêmicas envolvendo sexualidade, puberdade, gênero, gravidez na adolescência, aborto, machismo, homofobia, sexismo. Esse cenário tem origem no meio familiar, onde os pais ainda se sentem desconfortáveis ao tratar dessas questões com seus filhos (BERALDO, 2003)

Gaspar (2006) sugere que muitos jovens não falam com os pais sobre sexualidade por vergonha e medo de que os pais desconfiem de uma suposta vida sexual precoce.

Os reflexos sociais de uma educação sexual falha são manifestados de formas distintas, como podemos observar abaixo:

- Segundo o Ministério da Saúde (2017), a taxa de HIV entre jovens de 15 a 24 anos é a que mais cresce no Brasil;
- 42% das mulheres brasileiras declaram que já sofreram assédio sexual. Entre as mulheres mais escolarizadas, esse número chega a 58% (Datafolha, 2018), o que pode indicar que a educação leva a um maior esclarecimento sobre o que é assédio;
- Brasil tem índices de gravidez na adolescência acima da média latino-americana. Segundo a ginecologista do Centro de Atenção a Adolescentes de Brasília, Cecília Viana, uma das causas na gravidez na adolescência é a falta de orientação sobre sexualidade (2017 apud BRITO, 2017);

- Em 2015, mais de 192 mil mulheres deram entrada em hospitais em decorrência de complicações por aborto. Dessas, 1.664 vieram a óbito. De janeiro a junho de 2015, o número de abortos legais realizados no Brasil foi de 738 (FORMENTI, 2016);
- Em 2016, houve um aumento de 26,8% na incidência de sífilis adquirida, em relação ao ano anterior (Ministério da Saúde, 2017);
- Mil brasileiros têm o pênis amputado todos os anos por falta de higiene. Limpeza inadequada do órgão está ligada com maiores chances de câncer na região (VIGGIANO, 2018)
- Em 2017, o Brasil registrou uma média de uma morte a cada 20 horas, por motivos homofóbicos (Ong GGB, 2017);
- Em 2019, casos de feminicídio cresceram 7,2%, em média, em todo país, comparado ao ano anterior. 1.310 mulheres foram mortas, vítimas de violência doméstica ou por questões de gênero (BRAGON e MATTOSO, 2020).

Tais dados compuseram manchetes em diferentes veículos de comunicação. A partir deles, podemos perceber a necessidade de investir esforços, visando a uma educação sexual eficaz. Para que isso de fato aconteça, é importante que a abordagem dos temas seja feita de maneira com que o aluno se sinta confortável e instigado a discuti-lo.

De acordo com Cruz (2006), a educação sexual deve ser capaz de atender os jovens de hoje e, para isso, precisa que a abordagem biológica seja ampliada para outros campos, recorrendo a grande diversidade de ações, heterogêneas, que associem ao conhecimento biológico pontos de vista psicológico, social e cultural.

A educação sexual precisa ir além do conhecimento em torno do sistema reprodutor, deve ajudar o jovem a conhecer e a cuidar do próprio corpo, respeitar o corpo alheio, detectar tentativas de abuso, respeitar a orientação sexual do próximo e evitar a gravidez precoce e IST's.

A arte na educação sexual

Práticas didáticas podem ser um bom meio para aproximar o aluno do assunto, e ajudá-lo na compreensão de conceitos (BERALDO, 2000). Por essa razão, o uso de elementos pertinentes ao cotidiano, que permitam ao aluno se expressar, não somente reproduzir, mas também produzir conteúdo, pode contribuir para desmistificar a educação sexual e torná-la atrativa.

A arte, em suas mais diversas formas de manifestações, pode ser um caminho a ser seguido, a partir de uma proposta de metodologia participativa (PEREIRA FERREIRA e MEIRELES, 2015), em que o conteúdo da educação sexual pode mobilizar emoção, prazer e criatividade, ampliando a percepção da realidade (FERREIRA, 2010). Esse efeito contribui para uma aprendizagem reflexiva, por meio da expressão da criatividade, do rompimento de preconceitos e do exercício da cidadania.

A música e a poesia são linguagens artísticas que se originam da expressão de sentimentos e ideias por meio da palavra e mostram o posicionamento de seus autores frente a temas considerados de relevância social. Por esse motivo, possuem potencial para promoção da saúde, consideram a diversidade, impulsionam questionamentos e reflexões.

Metodologia

Para a este trabalho, recorreremos à metodologia integrativa (PAIVA et al, 2016; MENDES, SIQUEIRA e GALVÃO, 2008). A partir da identificação do tema e da questão da pesquisa, levantamos publicações científicas e de divulgação científica brasileiras de bases de dados gratuitos com os descritores combinados: educação sexual, sexualidade, ensino formal, questões de gênero, interdisciplinaridade, arte como metodologia ativa. Partimos de pesquisas sobre como tem sido desenvolvida a educação sexual, quais são suas limitações (FURLANETO, 2018) e como pode ser favorecida ao se introduzirem elementos artísticos no processo de aprendizagem (CACHAPUZ, 2015). Aliamos à pesquisa teórica o levantamento de material empírico com professores do ensino básico atuantes para adequação da estrutura teórica levantada com as percepções de professores atuantes na realidade sociopolítica contemporânea brasileira. A revisão integrativa proporciona a possibilidade de aliar a síntese do

conhecimento sobre determinado tema com a aplicação dos estudos na prática (PAIVA et al, 2016).

Foi elaborada uma proposta de atuação no ensino formal, no que se refere à educação sexual, utilizando música e poesia. Para isso, escolhemos um exemplo de cada gênero textual, cujos conteúdos foram analisados com base nas consequências de uma educação sexual ineficiente. Esse olhar crítico poderá ser desenvolvido a partir das propostas trabalhadas junto aos alunos, abordando um tema de relevância no âmbito da educação sexual.

Para a escolha da música e poesia, levamos em consideração o tipo de linguagem utilizada, de forma que o público jovem, alvo deste trabalho, possa ser facilmente atingido e se sinta, de alguma forma, representado. As letras contêm referências a temas tabus relacionados à educação sexual, como sexualidade, puberdade, gênero, assédio, feminicídio, gravidez na adolescência, aborto, machismo, homofobia, sexismo.

Uma das escolhas foi o “Poema Sobre Gêneros” do poeta Bráulio Bessa, além da música “Respeita As Mina” (SMITH E BONADIO, 2017), interpretada pela cantora e compositora Kell Smith, abordando a temática de identidade de gênero e assédio sexual, respectivamente.

Esperamos que exemplos como esses possam conduzir o professor para um trabalho produtivo e também para utilizar outras músicas e poesias cujos recursos possam contribuir no contexto de sua sala de aula.

A importância da educação sexual no ensino formal: a arte como elemento de transformação

A sexualidade faz parte do desenvolvimento humano. A criança é naturalmente curiosa, e é comum que surjam dúvidas com relação ao seu corpo, seus órgãos genitais, as diferenças entre o corpo da menina e do menino, como surgem os bebês, entre outras, já que, segundo César Nunes e Edna Silva (2006), é durante a infância que os conceitos de sexismo e estereótipos sexuais são reproduzidos.

Durante o período que compreende a adolescência, a sexualidade se manifesta de forma mais expressiva, acompanhada das mudanças corporais e comportamentais. Esse é o momento em que o professor deve trabalhar as questões relacionadas ao desenvolvimento sexual de seus alunos, como um aspecto natural do ser humano.

A educação sexual no ensino formal ainda acontece, geralmente, de maneira programada e mecânica, priorizando a abordagem de temas como a contracepção e a prevenção às IST's (FIGUEIRÓ, 2009). Deixa-se escapar as mais ricas oportunidades que se constroem pela diversidade de uma sala de aula, e temas tão pertinentes ao cotidiano dos alunos e de tanto impacto social não são abordados.

Neste sentido, a formação inicial do professor em torno da temática “sexualidade” é de fundamental importância para sua abordagem (GESSER et al, 2015), pois pode promover o rompimento de padrões tidos como “normais”, valorizando-se a diversidade e as particularidades de cada indivíduo, além de contribuir para o desenvolvimento do respeito a si e ao próximo, garantindo a formação cidadã do educando.

Segundo Vygotsky (1999 apud SHIMA BARROCO, 2014), a arte mantém estreita relação com a vida, capaz de, mais do que alterar o humor imediato, objetivar sentimentos. A arte nos possibilita perceber o mundo de diferentes formas, sob distintos pontos de vista.

No livro Carta das Responsabilidades do Artista, Faria e Garcia (2007) sugerem a arte com sendo vital para:

(...) a preservação da memória; para o desafio da invenção; para a diversidade e identidade dos povos; para o enraizamento étnico, social e cultural; para o diálogo intercultural; para o enriquecimento do imaginário; para a construção da subjetividade e da qualidade de ser; para a promoção da ética; para a aproximação solidária entre pessoas; para a aproximação entre as pessoas e a natureza; para o equilíbrio e a integridade espiritual do planeta; e para gerar condições que permitam um processo criativo em benefício da comunidade dos seres vivos (FARIA e GARCIA, 2007, p. 11).

Sob essa perspectiva, é possível compreender a arte como elemento de aproximação das diferentes questões sociais, com grande potencial para estimular o debate e questionamento de padrões sociais pré-estabelecidos.

Merquior (1965), considera a arte como uma mimese da realidade, em que o artista não consegue devolver ao mundo uma cópia idêntica dessa realidade, uma mera reprodução passiva. A produção de uma obra de arte envolve a transformação da realidade, que a arte faz refletir, tanto no sentido de reflexo (espelho), como no sentido de reflexão (pensar).

A arte tem o poder de aguçar e transformar nossa sensibilidade, transformando também nossa relação com o mundo (COLI, 2000).

Nunes e Silva (2006) refletem sobre as questões de gênero e seus desafios na educação sexual:

Uma educação sexual emancipatória busca identificar os estereótipos sexuais e questionar os fundamentos e representações. Visa educar para a compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero, de modo a representar homens e mulheres, masculino e feminino, como forma psichistóricas da condição humana... (NUNES E SILVA, 2006, p. 71).

Com a finalidade de promover uma educação sexual emancipatória, como descrita por Nunes e Silva, a arte pode ser uma ponte para estreitar as distâncias entre essa abordagem e a sala de aula, com potencial para ampliar a percepção do mundo dos alunos a partir de diferentes pontos de vista, problematizar conceitos pré-estabelecidos e desenvolver o senso crítico.

A música e a poesia são linguagens artísticas que permitem a expressão por meio de palavras, facilitando o entendimento da mensagem emitida, sendo capaz de despertar emoções, questionamentos e de promover proximidade com o assunto abordado por meio de seus versos (OLIVEIRA *et al*, 2008).

Ainda segundo Oliveira *et al* (2008), “A análise das letras musicais pode ser um interessante momento para um exercício interdisciplinar, ainda mais que a música carrega acontecimentos, particularmente entre os jovens,” colaborando para a interdisciplinaridade, sendo a música elemento didático na sala de aula, podendo integrar as disciplinas Ciências (ou Biologia), Artes, Português e História.

Resultados

Para subsidiar a proposta deste trabalho, realizamos pesquisa com professores do ensino básico, com o objetivo de compreender suas principais dificuldades e limitações com o tema educação sexual e o que pensam sobre o tema no ensino formal. Assim foi possível confirmar a necessidade de investir esforços na temática educação sexual.

Foram utilizados como métodos complementares de pesquisa duas distintas metodologias: Grupo focal e questionário. O grupo focal foi realizado com professores de diferentes disciplinas e o questionário foi aplicado apenas a professores de ciências.

Grupo focal pode ser definido como entrevistas com grupos de pessoas, sobre um assunto de interesse comum aos participantes, promovendo debate e interação entre

estes, tendo sempre um moderador direcionando a entrevista, com o objetivo de colher informações específicas (GASKELL, 2002; KITZINGER, 2000).

De acordo com Gil (1999, p.128), podemos definir questionário como “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Para o grupo focal, foram convidados cinco professores do ensino básico, do convívio das autoras. O grupo focal foi realizado por vídeo conferência através plataforma Zoom. Os professores convidados foram informados sobre a finalidade do grupo focal e a reunião foi gravada com a autorização de todos presente. Participaram da reunião, um professor de matemática, uma professora de português, uma professora de artes, uma professora de história e uma professora de biologia. Os professores de matemática, artes e história lecionam no ensino fundamental em escolas públicas, a professora de português leciona no ensino fundamental e médio, em escola pública e particular e a professora de biologia leciona no ensino médio, em escola pública e particular.

Durante o grupo focal foi possível observar que os professores assumiram a educação sexual como um tema difícil de se abordar devido a diferentes limitadores, como resistência dos pais e falta de preparo e formação dos próprios professores para lidar com a temática. Entretanto, defenderem a necessidade do ensino de educação sexual na sala de aula. As principais justificativas apontadas para necessidade do ensino de educação sexual é o cuidado com o corpo, respeito as diversidades e prevenção a possíveis abusos. Quando perguntados sobre a abordagem interdisciplinar da educação sexual, o debate convergiu no sentido de que a abordagem interdisciplinar seria necessária para normalizar o tema e retirar o estigma de “tabu” sobre a educação sexual. Foi sugerido que há problemas na abordagem programada, onde ocorre em determinada ocasião e depois não se toca mais no assunto, como “semana de prevenção a IST’s e gravidez”, pois isso não favorece a naturalização do tema e pode tornar esse momento caricato ou vergonhoso. Também foram destacados o atual momento político e a tentativa de tirar essa temática da escola com o projeto da “escola sem partido”.

Para a elaboração do questionário foi utilizado o recurso Google Forms. Os questionários foram direcionados a professores de ciências de diferentes contextos sociais, pertencentes à um grupo fechado destinado a professores de ciências do

Facebook. Os participantes foram informados sobre a finalidade do questionário que seus dados seriam mantidos em sigilo.

Dos dez professores que responderam o questionário, 80% lecionam no ensino fundamental II e 20% no ensino médio, sendo 78% em escola pública e 22% em escola particular. Observamos que 56% dos professores não tiveram nenhum tipo de formação sobre como abordar temas relacionados à educação sexual, 22% teve formação na graduação e outros 22% em cursos de especialização. Todos os professores dizem acreditar que seja importante o ensino de educação sexual na escola. Alguns afirmam que deva ser de maneira complementar a educação familiar: “Como complemento da educação de casa, mas com informações abalizadas, evitando *fake news*, achismos e preconceitos. Também desmistificando o corpo humano, sem banalização.” Outros sustentam que essa temática não é comumente tratada nas famílias e por isso deva ser trabalhado na escola: “(...) normalmente esse assunto ainda não é muito abordado pela sua família, é na escola onde acabam aprendendo a cuidar do corpo de forma geral.”

Como limitação na abordagem da educação sexual, todos atribuem ao fato de ser considerado tabu, seja pela família, pela gestão da escola ou mesmo pelos alunos.

Quando perguntados sobre uma possível abordagem interdisciplinar, utilizando a música e a poesia sugeridas neste trabalho, todos os professores se mostraram favoráveis, corroborando o que diz Cachapuz (2015), no sentido de se obter uma visão ampla e não segmentada do conhecimento, capaz de melhorar a qualidade da educação, indo além das rotinas e protocolos escolares.

Sendo assim, os dados coletados reforçaram a necessidade de promover o diálogo e investir esforços a fim de naturalizar a educação sexual e torná-la presente nas escolas.

Análise da música proposta

A letra da música “Respeita as Mina” (SMITH E BONADIO, 2017) foi escolhida por abordar temas como assédio e machismo.

Para a análise, o professor pode disponibilizar a letra impressa para cada aluno e, se quiser, pode também reproduzir o áudio para os alunos ouvirem. Já no primeiro trecho, a música incentiva o empoderamento feminino, criticando a ideia de que a mulher deve se arrumar para agradar o outro. Com a orientação do professor, os alunos

podem fazer uma pesquisa a partir de temas como a emancipação feminina ao longo da história.

Short, esmalte, saia, mini blusa, brinco, bota de camurça, e o batom?
'Tá combinando!
Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando
Calça o *têniszin*, se tiver afim, toda toda *Swag*, do hip hop ao reggae
Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa *tava* feia
Então mais atenção, com a sua opinião
Quem entendeu levanta a mão (SMITH E BONADIO, 2017).

O refrão tem início com um verbo no imperativo, o que denota a intenção de exigir que se respeite o espaço feminino, o que inclui não só o seu corpo, mas suas vontades e seus direitos, assim como defende o movimento “não é não”, por meio do qual mulheres enfatizam que o desejo de não corresponderem a “investidas” de alguns homens deve ser respeitado. O professor pode sugerir aos alunos uma pesquisa sobre os movimentos feministas e sua importância, explorando o cenário atual do país, frente aos dados sobre assédio sexual e à violência contra a mulher.

Respeita *as mina*
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser
Respeita *as mina*
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser (SMITH E BONADIO, 2017).

O trecho seguinte faz referência ao Dia Internacional da Mulher, que é comemorado no dia oito de março, data que foi instituída pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 1975. Essa homenagem decorreu de um incêndio a uma fábrica de tecidos em Nova York, onde 123 mulheres foram mortas. O evento deu início a uma série de protestos feitos por mulheres operárias no início do século 20, que reivindicaram melhores condições de trabalho, direito ao voto, mostrando-se contrárias à fome e à guerra (GIANOTTI, 2007). A partir da análise desse trecho, podem ser abordadas questões de gênero, como a diferença salarial entre homens e mulheres, e os direitos adquiridos pelos movimentos feministas no último século, como, por exemplo, os métodos contraceptivos.

Sim respeito é bom, bom
 Flores também são
 Mas não quando são dadas só no dia 08/03
 Comemoração não é bem a questão
 Dá uma segurada e aprende outra vez
 Saio e gasto um dindim, sou feliz assim
 Me viro, ganho menos e não perco um rolezin
 'Cê fica em choque por saber que eu não sou submissa
 E quando eu tenho voz 'cê grita "ah lá a feminista!"
 Não aguenta pressão, arruma confusão
 Para que 'tá feio, irmão'! (Smith e Bonadio, 2017).

O próximo trecho reforça a luta por igualdade de gêneros e traz nomes de importantes figuras femininas como Maria Quitéria, a primeira mulher brasileira a entrar para as forças armadas, Maria da Penha, mulher que dá nome à lei brasileira contra a violência doméstica e Maria Silva, que faz referência a todas as mulheres brasileiras, já que esse é um nome muito comum no país. Nomes de mulheres reconhecidas em todo mundo por sua postura feminista, como Joana D'Arc, chefe militar francesa que teve a participação decisiva na vitória da França contra a Inglaterra na Guerra dos Cem Anos, e Frida Khalo, uma importante pintora mexicana e ícone feminista, também são elementos que compõem os versos. São exemplos de mulheres que foram ativistas, dentro de seu contexto histórico, e sofreram algum tipo de retaliação. A partir desses dados, o professor pode orientar uma pesquisa mais profunda sobre a vida de cada uma dessas mulheres e sobre suas contribuições para a história da humanidade.

Não leva na maldade, não, não lutamos por inversão
 Igualdade é o X da questão, então aumenta o som
 Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva
 Empoderadas, revolucionárias, ativistas
 Deixem nossas meninas serem super heroínas
 Pra que nasça uma Joana d'Arc por dia
 Como diria Frida "eu não me Kahlo!" (SMITH E BONADIO, 2017).

No último trecho a compositora faz referência à expressão “como uma menina” que é usada de forma pejorativa para se referir a uma má execução de uma tarefa considerada masculina, e sugere a ressignificação dessa expressão de uma forma positiva. Os alunos podem ser questionados quanto a existência (ou não) de atividades e profissões tipicamente masculinas ou femininas.

Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo, e não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha, porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
Que possa soar bem
Correr como uma menina
Jogar como uma menina
Dirigir como menina
Ter a força de uma menina
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha. (SMITH E
BONADIO, 2017).

Análise da poesia proposta

Esse poema ficou bastante conhecido nas redes sociais após o autor, Bráulio Bessa, recitá-lo em rede nacional, no programa de TV “Encontro com Fátima Bernardes”.

O poema aborda temas de grande importância social, como o respeito às diferenças e, mais especificamente, sobre as diferenças relacionadas à identidade de gênero, promovendo uma sensibilização sobre o assunto.

O professor pode distribuir uma cópia do poema para cada aluno e sugerir à turma a leitura compartilhada do poema ou, se preferir, pode ele mesmo fazer a leitura.

Para explorar o tema, o professor pode questionar os alunos sobre a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual para, em seguida, apresentar aos alunos a definição desses conceitos e suas diferenças. Pode ainda criar com os alunos um glossário com termos como transgênero, cisgênero, homossexual, heterossexual, bissexual e outros que sejam pertinentes ao assunto. É possível que eles usem a internet, com a orientação do professor, para buscar as definições para cada termo.

Será mesmo que o respeito anda mesmo em desuso?
pra mim soa tão confuso
essa tal necessidade de alguém que é diferente
enfrentar um mar de gente
lutando por igualdade
e talvez essa igualdade
essa tal pluralidade
seja a mais pura vontade de viver a liberdade
de ser só o que se é
de ser homem,
ser mulher
de ser quem você quiser.
De ser alguém de verdade
seja trans... seja transparente!

Seja simplesmente gente
mesmo que alguém lhe julgue diferente!
Mesmo que você mesmo se julgue diferente!
Eu reforço: seja gente! Urgente!
Eu reforço: seja gente! Urgente!
Há quem nasceu pra julgar
há quem nasceu pra amar
e é tão simples entender em qual lado a gente está.
E o lado certo é amar.
Amar para respeitar!
Amar para tolerar!
Amar pra compreender que ninguém tem o dever de ser igual
a você.
Apenas seja!
Enfrente essa peleja contra uma sociedade que se acha no
direito
de lhe julgar com maldade
seja de verdade
afinal, da sua alma
do seu corpo
e da sua identidade
é você e só você
que possui autoridade. (BESSA, 2017)

O trabalho pode culminar numa pesquisa sobre violência motivada por homofobia no Brasil, seguida, de uma discussão sobre o tema, por meio da qual o professor pode retomar a importância de se discutir diversidade, respeito e igualdade (termos abordados no poema), de maneira que os alunos possam se expressar sem sofrer repressões e ouvir sem julgar, exercitando o respeito entre eles.

Considerações finais

A partir das dificuldades e limitações da abordagem de educação sexual no ensino formal percebidas por professores de diversas disciplinas, observou-se que ainda há muito o que avançar para suprir décadas de defasagem promovida por uma educação sexual higienista, machista, heteronormativa e repressora. Nesse cenário, o professor pode ser um agente de transformação social, quando possibilita uma reflexão sobre a sexualidade e suas formas de expressão (NARDI E QUARTIERO, 2012).

Este trabalho apresentou uma orientação ao professor, sobretudo ao professor de Ciências, de como aproximar seus alunos de temas delicados da educação sexual, porém, de grande importância social, uma vez que o ambiente escolar é um lugar onde o jovem tem a oportunidade de receber informações de qualidade e de fazer questionamentos sem sofrer repressões.

A música “Respeita as mina” e o “Poema sobre gêneros” abordam temas atemporais que são especialmente relevantes nos dias atuais, como o empoderamento feminino e respeito as diversidades sexuais. Possuindo um grande potencial de promover diálogos e despertar reflexões.

Contudo, espera-se que este trabalho não se limite a esses exemplos, já que tem a intenção de motivar o professor a utilizar diferentes músicas e/ou poesias que melhor se adaptem ao contexto de suas turmas, para que a análise seja mais proveitosa e significativa. Essa ampliação pode derivar de sugestões dos próprios alunos, podendo considerar recursos audiovisuais.

Portanto, esperamos ter contribuído com sugestões para a integração da educação sexual ao ensino formal, tendo a arte como um elemento pedagógico que possui potencial para romper tabus e preconceitos acerca de temas relacionados à educação sexual e promover questionamentos, respeito à diversidade e pleno exercício da cidadania.

Referências

42% das mulheres brasileiras já sofreram assédio sexual. *Data Folha*, 2018. São Paulo. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2018

AQUINO, Camila; MARTELLI, Andréia Cristina. Escola e educação sexual: uma relação necessária. *Seminário de pesquisa em educação da região sul*. Unoeste, 2012.

DE ARAUJO, Karla Cristina Vicentini; AUGUSTO, Viviane Oliveira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre educação sexual e estudos de gênero no trabalho de educadores do ciclo II e ensino médio. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 4, n. 1, p. 152-161, 2009.

ASSÉDIO sexual no Brasil. Assédio sexual entre as mulheres. *Instituto Datafolha*. São Paulo, 2018. PO 813942. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/01/11/bfed1c72cc0eff5f76027203648546c5bbe9923c.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

BESSA, Bráulio. *Poesia com Rapadura: Bráulio faz poema sobre gêneros*. Globo Play. 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5660816/>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

BRAGON, Ranier; MATTOSO, Camilla. Femicídio cresce no Brasil e explode em alguns Estados. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/femicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

BRITO, Débora. Gravidez precoce ainda é alta, mostram dados. *Senado Notícias*, Brasília- DF. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/gravidez-precoce-ainda-e-alta-mostram-dados>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. *Psicologia escolar e educacional*, v. 7, n. 1, p. 103-104, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Indicadores e dados básicos do HIV/AIDS nos municípios brasileiros, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://indicadores.aids.gov.br>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. Boletim Epidemiológico, Sífilis 2017, Secretária de Vigilância em saúde, Brasília, 2018.

_____. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação-PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, v. 26, 2014.

_____. Ministério da Educação. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. 2009.

_____. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CACHAPUZ, António F. Arte e ciência no ensino das ciências. *Interações*, v. 10, n. 31, 2015.

COLI, Jorge. *O que é arte*. Brasiliense, São Paulo, 2000.

CRUZ, Izaura Santiago. *Educação Sexual e Ensino de Ciências: dilemas enfrentados por docentes do ensino Fundamental*. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)–Feira de Santana: Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. *Carta das responsabilidades do artista*. Rede Mundial de Artistas em Aliança. Instituto Polis, 2007.

FERREIRA, Francisco Romão. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: UEL, 2007.

_____. *Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, p. 141-172, 2009.

FORMENTI, Lígia. Diariamente, 4 mulheres morrem nos hospitais por complicações do aborto. *Estadão*, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,diariamente-4-mulheres-morrem-nos-hospitais-por-complicacoes-do-aborto,10000095281>>. Acesso em: 19 set. 2018.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018.

GASPAR, Tania et al. Comportamentos Sexuais, conhecimentos e atitudes face ao HIV / SIDA em adolescentes migrantes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (2), 299 – 316, 2006.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; PANISSON, Gelson. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 3, p. 558-568, 2015.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. *Texto & contexto enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do Poema: ensaios de crítica e de estética*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1965.

MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em revista*, n. 46, p. 219-239, 2007.

MORTES de LGBT no Brasil. Relatório 2017, *Ong Grupo Gay da Bahia*. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escola. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, n. 11, p. 59-87, 2012.

OLIVEIRA, Adriane Dall'Acqua de.; ROCHA, Dalva Cassie; FRANCISCO, Antônio Carlos de. A ciência cantada: um meio de popularização da ciência e um recurso de aprendizagem no processo educacional. *Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica*, v. 1, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/biologia_artigos/musica_ciencias.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

UNESCO - Organização das nações unidas para a educação, a ciência e a cultura. *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília., p. 53, 2013.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, v. 15, n. 2, 2016.

FERREIRA, Cristiane Pereira; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva. Avaliação da metodologia participativa na elaboração de um jogo: uma forma de trabalhar com a transversalidade construindo conhecimento e contribuindo para a promoção de saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa e Educação em Ciências*. Vol.15, p. 275-291. 2015.

SMITH, Kell; BONADIO, Ricardo. Respeita as mina. Intérprete. Kell Smith. In. Kell Smith. *Respeita as mina*. Midas Music, p.2017. 1 CD. Faixa 1.

VIGGIANO, Giuliana. Mil brasileiros têm o pênis amputado todos os anos por falta de higiene. *Galileu*. 017. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2017/11/mil-brasileiros-tem-o-penis-amputado-todos-os-anos-por-falta-de-higiene.html>. Acessado em: 10 set. 2018.

Recebido em janeiro de 2021

Aprovado em maio de 2021.

Revista
Diver  **idade**
e Educação